**Manifesto Crespo 2**

This is an interview with a member of the organisation Manifesto Crespo, founded in 2011, and based in São Paulo, Brazil. It is a cultural collective led by four Black women, who pursue strategies for contesting racism through processes of bodily empowerment, valorizing the particularities and potentialities of Black bodies (<https://www.facebook.com/manifestocrespo/>; https://www.manifestocrespo.org/). Through initiatives such as the award-winning project Tecendo e Trançando Arte (weaving and braiding art), they focus on the characteristics of curly black hair and how it can be appreciated and cared for in creative ways. The collective aims to promote the self-esteem of black women, and reconnect them to their origins and memories within the African diaspora, via activities such as the Estampando Saberes (printing knowledges) project that promoted the art of stamping objects with *adinkra* (Ashanti symbols).

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIA:**  
então vamos lá.

XXXX, você poderia se apresentar? Contar um pouco sobre você, sua profissão, um pouco da sua identidade.

**XXXX:**  
Claro. Bom, meu nome é XXXX, nome de Batismo, dado pelos meus pais, não é? E no decorrer da vida eles começaram a me chamar de XXXX, não é? E aí tem mais ou menos 1 ano que eu fui fazer o cabelo de um cliente, porque eu também sou trançadeira, não é, sou psicóloga, educadora, arte educadora, trançadeira… não é? Cantora [risos] … faço bastantes coisas. E aí uma dessas profissões, que é a de trancista, não é, eu fui fazer o cabelo de um cliente, que é da Guiné Bissau. Da Guiné? É se eu não em engano é da Guiné. E ele disse que o meu nome vinha da etnia Balanta de Guiné, não é? Que significava parir. O XXXX. Aí eu adotei, agora só XXXX;. Então, por onde eu vou, eu gosto que me chamem de XXXX. Primeiro porque foi o nome dado pelos meus pais, o apelido dado pelos meus pais. E, depois, por conta do significado, não é? Não pelo fato de “parir”... Porque ele falou. É parir no sentido da pessoa que vai ter muitos filhos, não é? Mas, quando eu penso na minha história de vida, não é, na história do meu nascimento, para mim eu acho que faz muito sentido esse significado. Minha mãe, quando ela estava me esperando, ela disse que a gravidez dela poderia ser de risco, poderia vir com algumas deficiências então…

**MULHER:**  
Voltei!

[risos]

XXXX: é… Eu acho interessante, não é? Quando eu penso nesse significado. Eu gosto desse nome: XXXX. Eu acho ele forte, não é? E XXXX é isso, é o diminutivo de XXXX. E aí.. Enfim.

**LUCIANE:**

Você pode contar para gente o seu trabalho em cada uma dessas profissões que você tem, dessas atividades que você tem feito?

**XXXX:**  
Claro, claro. Eu tranço desde quando eu tinha 7 anos de idade. A trança foi um dos primeiros penteados que eu aprendi na vida, na minha infância capilar, não é? E era um processo que eu gostava de reproduzir nas bonecas que eu ganhei naquele período, naquela fase da vida,e era um penteado que eu gostava de reproduzir no cabelo das minhas primas. Elas moravam comigo, a gente morava em uma casa todo mundo junto, eram quase 12 crianças morando juntas e a gente acabava meio que uma trançando uma o cabelo da outra. Porque o processo de tansagem em família era muito dolorido, muito sofrido. A gente chorava muito para pentear os cabelos. Não é? Tanto no sentido do toque, não é, no nosso crespo, tanto as falar dos nossos familiares era muito agressiva. Era como se, realmente, fosse proibido, assim. Que a gente fosse um… problema ter cabelo crespo. Eaí quando a gente adquiriu uma idade que a gente o conhecimento, a gente passou a fazer o penteado uma na outra. E era gostoso porque a gente não apertava muito a raiz, então a gente fazia meio frouxinho.. Aí não doía. E aí a gente pedia uma para a outra “ai trança o meu cabelo?” E era um processo bem bonito, não é? Que acompanhou a gente, acho que até, o sexto ou o sétimo ano de vida. Depois, daí, a gente começou a fazer outros penteados no cabelo, penteados que fossem mais fáceis e menos doloridos para a gente. Não é? Que era o alisamento na verdade. E foi assim até ao longo da minha vida adulta. Quando eu cheguei na minha vida adulta, eu entrei em contato com as tranças, mas entrei indo para os bailes blacks. Eu comecei a trabalhar como operadora de Telemarketing e eu conheci um grupo de mulheres pretas. Porque esse emprego é majoritariamente preto, assim. Você encontra um número muito significativo de pessoas pretas nesses lugares, não é? Aí, o meu grupo de amigas eram meninas pretas que trançavam o cabelo, que frequentavam os bailes blacks, e que uma trançava o cabelo da outra. Até que, nesse processo,a gente empoderou uma delas, não é, a ganhar o próprio dinheiro cobrando. E era um valor tão barato que ela cobrava assim, ela cobrava o quê? 15, 20 reais para trançar o nosso cabelo. E ela morria de vergonha de cobrar, sabe? Eu me lembro que para trançar kanekalon uma delas cobrava 50 reais, sabe. Ela fazia umas tranças lindas. E toda semana a gente ia com uma trança diferente para o baile. Não é? E eu me lembro que esse processo foi muito importante para mim, porque elas faziam, elas construíram uns penteados tão bonitos, não é, que eu também queria reproduzir, porque eu gostava muito de mexer com cabelo. Não é? A minha infância foi marcada por um processo capilar muito importante para mim. Aí, quando eu trançava o meu cabelo eu ficava prestando atenção, eu me lembro que era até a Natália que trançava o meu cabelo. Quando a Natália trançava o meu cabelo, eu ficava prestando atenção e como ela construiu o desenho, como ela pegava as mechas para construir o trançado e como que saia não é? Aquela trança estilizada que elas chamavam. De modo que a gente conseguisse ter um penteado bacana, não é? Aí, quando eu senti que eu aprendi o penteado, eu tentava reproduzir de novo no cabelo de uma das minhas primas que saía comigo no baile. Então, às vezes eu tentava construir no cabeça dela. E quando eu não fazia nela eu fazia no meu irmão. Que também já queria, já estava tentando deixar o cabelo crescer e tal. Só que a trança enraizada sempre foi uma trança muito difícil para mim, e era uma trança que a minha mãe fazia muito bem, aí eu me lembro que ela me ensinou mesmo como que fazia essa trança enraizada, mais reta. Aí, quando eu aprendi com a minha mãe, eu consegui reproduzir essas tranças mais desenhadas, conforme eu ia traçando o meu cabelo com a Natália. Até chegou um momento da vida que a gente não mais trançava com a Natália. A gente mesmo fazia os nossos próprios penteados. Eu principalmente.

Espera só um minutinho.

Oh, mãe….

**XXXX:**  
Continuando, eu comecei a reproduzir esses penteados na gente mas até então era ainda entre família mim mesma. Eu me lembro que nessa mesma época do baile eu arrumei o meu primeiro namorado, não é. Ele também gostava muito de mexer no cabelo, e aí ele traçava o meu cabelo. Porque era muito difícil, não é, esse movimento ... às vezes eu levava dias para trançar o meu cabelo, não é. Então, ele também acabava reproduzindo não é. Quando ele aprendia o penteado ele vinha reproduzir na minha cabeça. Então foi um uma experimentação, assim. Não só com as tranças, mas como nosso corpo. Foi muito isso, esse processo das tranças, assim.

[risos]

E aí, e esse meu primeiro namorado ele foi muito importante, assim. Porque para além das tranças, não é, a gente conversa muito, e ele dialogava comigo sobre a possibilidade de estudar. Porque já fazia três anos que eu atuava como operadora de telemarketing e eu não tinha nenhuma perspectiva de vida, nenhum projeto que não fosse pensado no baile. Olha só. Então, eu recebia o meu salário e gastava com a roupa e o penteado que eu ia para o baile naquela semana. Até porque a trança tinha muito essa linguagem dentro do baile. Quanto mais estilizada fosse a sua trança, mais as pessoas se aproximava, não é? principalmente os homens. A primeira coisa que os homens falavam nesses bailes, quando eles viam a sua trança, era “nossa que trança bonita.” E aquilo para mim era muito… Ninguém nunca… A vida inteira eu ouvi que o meu cabelo era feio, sabe? Que eu jamais viveria essa experiência afetiva por conta desse processo capilar. Aí você chegar no baile, e alguém falar para você: Preta, que trança linda, deixa eu ver, acho que vou fazer uma igual! Sabe, aí você começar um diálogo com a pessoa por conta da trança que você fez. Então, aquilo era muito importante. E até a vestimenta. A gente se vestia parecendo que tinha escorregado de um clipe americano. [risos]

Sabe? A gente reproduzia praticamente a mesma vestimenta, sabe? Mas não era uma reprodução, na minha opinião, gente, baseada na minha formação… não sei se eu teria a mesma opinião há um tempo atrás. Mas, na minha opinião, naquele período, a nossa estética, por mais que não estivesse no campo da consciência, a nossa estética era política, sabe? Tinha objetivo, um fundamento, naquela vestimenta e naquele penteado. A gente queria estar no baile, mas para a gente estar no baile, a gente queria parecer um cantor ou uma atriz preta, sabe? um cantor preto. A gente queria ter aquela referência de representatividade. Então, não era só pelo simples fato de ah, é bonito, é legal. Os meninos comentavam: não, aqui é estilo Tupac. Aqui é estilo Snoopy. E a gente: não eu quero parecer com as Destiny’s Child. Teve uma época que o meu penteado, a aLicia Keys fazia muitas tranças, não é? Enraizadas, desenhadas. E a gente tentava reproduzir o mesmo penteado. Então era uma série. O baile era muito interessante naquela época. Era muita menina com o mesmo penteado da Alicia Keys, sabe? E para mim aquilo tinha uma referência política, por mais que fosse inconsciente. MAs tinha a força de parecer com alguém preto. isso era muito importante. Eu, o meu ex namorado da época, minha prima a gente tinha muito essa preocupação. Ah, vamos bonitos, vamos chiques, porque hoje a gente vai no Blem Blem. Não é? Mas, não, na sexta feira a gente tem que estar no Somebody Love. Domingo: Clube da cidade. Então, todo final de semana era… esse … eram esses lugares que a gente frequentava, não é?

**LUCIANE:**

Qual a sua idade?

**XXXX**

Eu estou com 33. E aí, eu me lembro que esse era o nosso projeto de vida: o baile. E o meu ex namorado ele já estudava. Ele fazia PUC na época não é? E ele sempre dialogava comigo: olha, é importante você estudar. Você não tem vontade. Ah, eu tenho… Mas era tudo muito distante, sabe? Até que, um belo dia, a gente foi demitido. A gente trabalhava na mesma empresa eu e ele. A gente foi demitido dessa empresa e, gente, eu estou contando essa história longa porque faz sentido. Risos. E aí, a gente foi demitido dessa empresa, e a gente recebeu uma rescisão que a gente achou que estava rico. Acho que era 2 mil reais cada um. Mas a gente ficou tão feliz. Ah, vamos ver o que a gente faz! Vamos jantar! E eu, o que eu vou comprar, eu preciso comprar um tênis. Ele falou: espera aí. Já que você recebeu essa rescisão, vamos investir nos seus estudos. Vai abrir o processo seletivo lá, o vestibular na verdade, para a PUC, acho que é legal você prestar porque essa universidade ela dá bolsa de Estudos e eu acho que é bacana para vocÊ.

Eu achei uó, não é? Não acredito. Esse dinheiro era para eu investir no meu próximo look de baile, como assim.

E aí assim eu fiz. Eu investi na universidade. Paguei o vestibular. Passei na primeira chamada. Na época em Letras.Não tinha feito para Psicologia ainda. Aí tinha que pagar a matrícula. Paguei ainda com o dinheiro da rescisão, meu pai me ajudou porque faltou um pouco. E aí eu fui para a faculdade. E aí que começou mesmo a minha primeira experiência enquanto ser negro de política de consciência no mundo, sabe. Foi profundo. Aí começou também, aí que as tranças vieram com mais força nesse lugar, não é? Porque aí, eu comecei fazendo o curso de letras, eu continuei trabalhando com telemarketing, porque aí eu arrumei um outro atendimento, porque eu precisava manter a minha permanência na universidade. Então, eu continuei, eu trabalhava de manhã nessa empresa de telemarketing e a noite eu ia para a faculdade. Só que eu não estava feliz nesse curso, não estava conseguindo acompanhar porque eu estava, eu tinha escolhido Letras com habilitação em inglês e eu não sabia falar nada de inglês. Então, eu não estava acompanhando e eu ainda estava muito seduzida por aquele espaço da universidade. Sabe? E eu ficava também muito cansada. Aí, eu comecei a entrar em contato com as pessoas que começaram a me apresentar um pouco do contexto da militância, dentro da universidade. Começaram a explicar um pouco do viviam lá, na questão da permanência, e aí começou a fazer sentido.

Porque eu me lembro que eu tinha uma amiga, hoje em dia ela está no Doutorado, mas coitada, está difícil. Ela fazia Filosofia na PUC e às vezes ela ia sem nenhum dinheiro. Aí, a gente se encontrava lá, aí eu recebia o vale refeição e eu dividia com ela. E às vezes eu dava dinheiro para ela voltar para casa, e foi assim durante um ano de Letras. Ela me chamava para ir para congressos, me indicava livros, entrar em contato mais com essa temática racial, que para mim era uma coisa totalmente nova ….

**LUCIANE:**

Quais livros? Os primeiros, assim, que você entrou em contato

**XXXX:**

Olha, os primeiros que eu entrei em contato foram os livros de literatura, não é? Então, eu me lembro que o primeiro livro que eu li, uns 6 meses antes de entrar na faculdade, foi o Negras Raízes. Não é? E aí, depois, quando eu entrei na faculdade e comecei a dialogar com ela, eles me apresentaram muito….

**XXXX:**

eu fui demitida desse meu outro trabalho, não é. E aí, eu estava sem emprego, eu não tinha emprego para continuar, para me manter na Universidade. E aí, eu arrumei um estágio. Eu ainda estava fazendo letras. E aí, nesse estágio eles trabalhavam com alguns projetos, não é, com alguns editais de projetos de oficinas. Eu ganhava 300 reais na época, que também não era suficiente para a quantidade de coisas que eu tinha na Universidade: alimentação, xerox, livros, transporte. E aí um amigo meu lá falou assim: XXXX o que você sabe fazer? Aí eu assim: como assim o que eu sei fazer? Meu, para além de vir aqui na Universidade, estudar, se vstir bem. Que outra coisa você sabe fazer da vida? Eu falei: ah, eu sei trançar cabelo. Ah, então vamos escrever uma oficina de penteados afro! Eu falei nossa, mas Alê, como assim. Vamos sentar. Aí ele sentou comigo. Eu lembro que o projeto que a gente escreveu era ctrl C ctrl V. Foi assim, um absurdo. Ele, não é assim, vamos mandar para esse edital. E para mim aquilo ainda não fazia sentido. Como alguém pode trabalhar, quem vai procurar uma oficina de trança. Mas Alê a trança que eu faço é tão pouco significativa. Ele, não dá para ganhar dinheiro com isso, nega, vamos lá. E aí eu escrevi o projeto. O projeto foi aprovado com a ajuda dele.

**LUCIANE:**

Era o Vale?

**XXXX:**

Não, não. Era um edital da prefeitura de oficinas. Aí, eles aprovaram o meu projeto, valia acho que 3 mil reais, por três meses, mas eram três meses que eu teria que custear do meu bolso. E aí, eu comecei a realizar as minhas primeiras oficinas de penteados afros nos CEUs não é. E foi bem interessante, porque nessa mesma época, eu comecei a entrar em contato com uma outra literatura. Eu comecei a ler Hal Lorde, tem um livro dele que chama cabelos de Axé não é. E aí, depois eu comecei a ler a Nilma, porque só o Hal Lorde não dava conta. …. das coisas que eu trabalhava. E a Nilma tinha muito texto na área da educação, não é, entrelaçando com a coisa da identidade, e do corpo, e do cabelo. E aí eue comecei a ler esses textos, e fundamentar um pouco mais a minha oficina. Porque eu levava um carrinho de feira, com um monte de coisas, e às vezes ficava muito poluída, não é, e as pessoas ficavam mais interessadas na quantidade de coisas que eu trazia do que no próprio processo de transagem. Então, no decorrer desse edital, e fui tirando algumas coisas e tal, e fui trazendo para a proposta dessa oficina de trança, eu me lembro que sempre antes de começar a técnica de transagem, a gente fazia uma apresentação, não é, a maioria das pessoas que participavam da oficina eram mulheres ou crianças. E a gente, quando a oficina era com mulheres, elas já se apresentavam e já falavam das expectativas delas em relação a oficia. E automaticamente elas já entravam nesse debate racial. Então, tinha vezes, que não sobrava tempo para a técnica de transagem. Ficava só no diálogo, não é, no diálogo racial. E era muito conteúdo. Muito conteúdo emocional, psíquico, que só com o meu curso de Letras eu não conseguia dar conta. E aí eu tentava trazer um pouco da minha experiência de vida que também era pouca, então eu me sentia muito pouco preparada para aquela oficina, não é?

É, e aí foi no final do ano que eu migrei para o curso de psicologia. No final do ano de 2006.

**LUCIANE:**

Você ficou um ano no curso de Letras?

**XXXX:**

Fiquei um ano no curso de letras, e 6 meses ministrando essa oficina. Porque o edital de oficinas renovou e eu fiquei de novo

[áudio comprometido]

**XXXX:**

porque elas precisavam se conhecer. Elas precisavam, minimamente, se integrar naquele grupo de modo que elas construíssem algum tipo de confiança, de modo que permitisse o outro tocar no seu cabelo. Eu me lembro que… eu nunca esqueci essa mulher. Era uma mulher preta, retinta, e ela usava uma peruca. Ela usava uma peruca, uma peruca lisa. Hoje em dia a peruca tem um outro contexto. Mas naquele período, em 2006, para aquela mulher era um outro: ela tinha pavor do cabelo crespo dela. Horror.

**LUCIANE:**

Qual o contexto da peruca lisa hoje?

**XXXX**

Hoje em dia, não é, a gente até trabalha… é as laces. Então você pode por quantas você quiser, que aquilo está muito no contexto de tendência, não é? Não necessariamente aquilo … é, a ideia não é esconder. Pelo contrário. A ideia é você apresentar vários penteados, sabe? Tanto que você pode tirar o Lace e andar depois com o seu black normal. Isso não vai interferir em nada. Mas naquele processo, para aquela mulher, a peruca tinha uma ideia de esconder mesmo o crespo. E ela não permitiu que ninguém encostasse na cabeça dela ela não tirou a peruca, não é? E ela não fez a oficina prática, ela ficou ali no bate papo. Para ela, o que fez sentido foi o bate papo. Porque trouxe a experiência e a história da vida dela. Então ela ficava olhando todo mundo trançar. Mas ela não trançou, não permitiu ser trançada, enfim. Foi uma mulher que eu nunca esqueci que estava nessa oficina.

**LUCIANE:**

E como é que foi esse seu caminho de uma experiência pessoal, de trabalhar sozinha, até chegar e trabalhar com…

**XXXX:**

É, eu vou chegar aí.

[risos]

Depois, eu entrei para a Psicologia e eu continuei trabalhando com oficinas. Porque o curso na PUC era integral, e aí eu não podia trabalhar. Não é? E aí, foi quando eu oficializei, mesmo, a história de trabalhar como trançadeira. Então, eu trabalhava a noite, às vezes eu saia da Faculdade e ia para a casa de alguém trançar, porque eu precisava daquela grana para voltar para a Universidade. No meu segundo de ano de universidade ficou insustentável, eu não tinha grana para nada. As tranças estavam cada vez menos na minha vida, porque eu tinha menos tempo a me dedicar a isso. Aí, eu fui convidada a me dedicar a um projeto, com a Edna Roland, lá em Guarulhos … ela estava com um edital lá na coordenadoria que contemplava algumas oficinas, e a minha foi uma das que foi contemplada. Essa oficina de Penteados Afros. Eu transformei em um curso de 6 meses, que foi a proposta que ela me fez, e eu fiquei 6 meses atuando lá. Fazendo esse trabalho lá com essas mulheres de lá daquela região, e foi a partir desse trabalho que o manifesto crespo entrou em contato comigo. Não é? Porque eu fiz aquelas oficinas, e quando acabou, aquelas oficinas foram repercutindo… nos espaços e tal.

A galera falava. E as meninas frequentavam um lugar, uma casa, que eu também frequentava. Porque aí, para além das tranças, eu estava inserida no contexto das músicas, não é? Eu atuava com um grupo de Hip Hop chamado denegir, dois desses meninos moravam em Taboão da Serra, e os ensaios eram lá, em Taboão. eu estava chegando, elas estavam saindo. Eu estava saindo elas estavam chegando. E eu já trabalhava com tranças naquela época. E foi quando uma delas me fez um convite: olha, a gente está montando um grupo aqui, porque todo mundo se encontrava naquela casa, todo mundo namorava pessoas que … aquela casa. Coincidência. E elas: olha, a gente montou um grupo aqui para trabalhar identidade e estética negra. A gente soube do seu trabalho lá em Guarulhos, e a gente gostaria de saber se você gostaria de participar desse grupo. Gente, e foi muito surreal porque elas estavam escrevendo o projeto. Sabe, assim, elas tinham acabado de montar, elas estavam escrevendo. Porque elas estavam escrevendo um horário que eu estava na universidade.

… caso a gente não ganhasse o edital. Foi um tiro no pé mesmo. E a gente ganhou o edital, e eu comecei a trabalhar com essas meninas. E foi uma experiência muito bacana, foi muito bonito. Nosso primeiro trabalho, assim. Gostei muito da confiança que elas depositaram no meu trabalho, a forma como eu fui recebida. É… A sensibilidade que elas trataram tudo, não é? E era um coletivo de 6 mulheres. E pensa em 6 mulheres falando ao mesmo tempo cada uma com uma ideia, com uma proposta, e querendo propor, e vários pontos de vista. Nossa, foi um trabalho bem difícil a nível de diálogo no começo, assim. Mas, enfim, a gente foi até o fim. E assim foi o primeiro ano do manifesto crespo: discutindo identidade e estética negra em formato de curso. As nossas oficinas duravam acho 14 horas. Era um final de semana inteiro. Sábado e domingo o dia inteiro. E aí tinha esse bate papo inicial, não é? Que a gente não achava legal descolar. Formação política da prática, aí tinha tipo umas 2 horas que a gente ficava só debatendo, só no debate, para entender como as pessoas elaboravam aquele tema, o que elas pensavam. De que forma que aquilo ia fazendo sentido para elas. Algumas saíam …. a gente não teve casos, assim. Quando a gente começou a desenvolver oficinas no Sesc, teve caso de pessoas abandonar a oficina no meio do processo. Não conseguiram mesmo ficar. O debate estava muito pesado para elas. Mas, naquele momento do Vai, aquelas primeiras oficinas, foram frequentadas por pessoas que já tinham algum … político. Então, a discussão só contribui.

E as pessoas recebiam certificado, não é, então foi bem bacana. A gente conseguiu construir um documentário falando um pouco da história das trançadeiras, da valorização desse trabalho. Que é um trabalho demorado, um trabalho cansativo, que tem a ver com beleza, não é? Com enfeitar-se, com embelezar-se. Com …. Então, nesse primeiro ano, a gente produziu esse documentário com o resultado.

No segundo ano a gente desmembrou um pouco com oficinas pontuais.

Ao invés da gente ficar lá 14 horas, o dia inteiro, a gente fez um formato reduzido, mais curto. Deu certo também. A gente conseguiu passar por muitos lugares. Conseguiu abranger um público diferente do primeiro. Porque o primeiro veio muita gente que já tinha o engajamento, não é? Legal. MAs a ideia ainda não era essa. A gente queria atingir o outro público. Não é? E a partir do segundo ano a gente conseguiu dar um gás na divulgação ao ponto de vir outras pessoas, não é?

**LUCIANE:**

E era … diferentes regiões ou era diferentes de classe. Envolvia isso também?

**XXXX**

Envolvia também. eu lembro de uma oficina que a gente fez em PErus. A galera vinha da Zona Leste para Perus, sabe? para assistir a oficina. Paralelo a esse projeto a gente fez festa também. E o Sesc é muito interessante porque vai muita gente não é? E tem uma diferença de classe também. E as pessoas participaram da oficina, debateram, saíram com material, … saber mais sobre esse projeto. Essas oficinas, dessas oficinas a gente recebia muitos convites para ir para escolas: não dá para levar essa oficina para escola, sabe? Dá para fazer esse trabalho com professores, que era o nosso objetivo. Porque a gente tinha uma metodologia que era bem bacana nessas oficinas. Inicialmente tinha uma sensibilização. Eu chamo de sensibilização porque dinâmica é uó, não é, ninguém merece. Então, a gente fazia uma sensibilização, uma atividade, de apresentação, as pessoas se apresentavam. Nessa atividade a gente perguntava qual era a expectativa. Dessas expectativas a gente já anotava. Bem Freiriano mesmo. Anotava, não é, o que dessas falas fazia sentido para o processo, e aí na sequência a gente aplicava uma atividade bem informática. Então, a gente trabalhava com muito documentário, muito com música, com o tempo eu fui trabalhando a música do Caetano Veloso: “não me amarra dinheiro não, MAS ELEGÂNCIA’...

Não é? Aquela música tem umas partes bem bacanas, assim, que fala das tranças do cabelo como algo belo, bonito. Aí a gente … baseado na música. Quando não era aquela música… aí a gente ia direto ao ponto, para sensibilizar mesmo. Não dá para fazer que nem eu fazia naquele início lá. Não, vamos direto ao ponto.

Quando a gente não trabalhava com essa música, eu trabalhava com algum poema.Trabalhei muito, ainda trabalho, com alguns poemas do … tem alguns poemas que ele fala da Elizandra. Da pérola, tem um poema sobre turbantes que é bem bonito assim. Da débora Garcia, eu ia pegando uns trechos. A Débora garcia tem uns poemas que são grandes, não é? Aí, às vezes a galera não tinha paciência eu pegava uns trechos que eu queria. Racionais dependendo do que a gente queria abordar. Mas como a gente queria abordar a estética, eram sempre poemas ou músicas que conseguiam fazer essa sensibilização não é? Fazer essa provocação na verdade. Quando não eram as músicas, eram s documentários. Ai, tem um documentário que eu gosto muito de trabalhar que é de uma galera da Bahia, que se chama “Espelho Meu”. Eu acho que é Espelho Meu.

A gente não muda, a gente não muda. Porque a meta é justamente sensibilizar essas pessoas, é a nossa metodologia. Eu acho que às vezes a gente, a gente eu não é, porque sou eu que penso essa metodologia, porque eu sou bem radical às vezes. Mas é bom porque essas pessoas que vão para oficina, de alguma forma, elas estão inteiradas nesse assunto. Por mais que ainda tenha comentários, às vezes, preconceituosos não é…

**LUCIANE:**

Que tipos de comentários?

**XXXX**

“Ai, dá para lavar?” Sabe, assim? Tipo, “ai, nossa, mas eu não sabia que essas coisas aconteciam com você’. Com a minha irmã que é gorda.. Umas coisas muito assim que não tem a ver..

Um dia eu fui dar uma oficina no Sesc itaquera com um grupo de idosos, e a gente começou a falar… foi uma oficina de turbantes, e a gente começou a falar o que elas ouviam quando a galera saía de turbante. Que tipo de palavra, as macumbeiras, as pessoas falam muito que nós somos feiticeiras, que a gente tem piolho. Sabe, essas coisas? E aí, a partir daí, eu comecei a desconstruir algumas falas, e a coordenadora do Serviço que estava acompanhando falou . Uma das usuárias do equipamento falou: é interessante vocês falarem desse tema. Eu me lembro que o meu filho passou por uma situação de discriminação racial no aeroporto que, só agora, a gente discutindo sobre isso, é que eu paro para pensar que aquilo que ele sofreu era discriminação, era um tipo de preconceito.

Ele foi barrado no aeroporto, ficou praticamente 2 dias lá preso, não pode sair, e até o hoje a gente não entendeu o que aconteceu. Ele estava vindo para casa, estava terminando a formação dele em direito, sabe? E era uma senhora negra, contando o que havia ocorrido com o filho dela. E a coordenadora do serviço que era uma mulher branca falou: “Ah, mas isso não acontece só com você! Outro dia com a minha cunhada aconteceu a mesma coisa, e ela é loira”. [risos] Sabe? Tem uma resistência da galera ainda em entrar nesse tema, não é? E aí a gente tentou falar para que ela que a gente entende que esse tipo de situação pode acontecer com qualquer um, mas se você escutou bem o que ela disse, ela está falando de uma outra coisa, ela está falando de um outro lugar. Porque uma coisa é a sua cunhada loira ser barrada no aeroporto, ser revistada, não é? Outra coisa é um homem negro ser barrado no aeroporto, ficar dois dias preso sem sair, sem ser levado para uma sala, sem entender nada. Não estar portando nada na mala. Percebe a diferença? Ela ficou puta, cara. Ela foi embora sem se despedir. Não pegou o turbante, sabe? Essa mulher branca assim. E vários outros tipos. “ah, eu gosto desses temas porque lá em casa tem uma galera que tem um pé na cozinha e aí é legal, não é? Para a gente poder mostrar para elas… O que que dá para fazer no meu cabelo, hein? Porque o meu cabelo não pára nada, escorrega, sabe? Dá para fazer uma trancinha aqui?” É o tempo todo… esse lugar de privilégios assim. E a gente tem que ficar fazendo essas sensibilizações.

**LUCIANE:**

Pouco tempo que eu fiquei lá no Sesc com você deu para perceber essas falas. Você e com a Julie de Turbante, não é?

**XXXX**

Meu cabelo não segura, o meu não fica de jeito nenhum ….

**LUCIANE:**

E você acha que é isso? Esse é a justificativa para reforço para a branquitude, privilégios…

**XXXX**

Eu acho. Na verdade, eu tenho certeza. Pode ser que não é eu esteja equivocada. Imagina, meu, que lugar é esse que essa pessoa está falando. Virar para você, já dando risada, e já é uma risada sarcástica. “Você acha que o meu cabelo dá para fazer?” É um comentário, que no consciente dela, ela está falando: ai, parabéns, o cabelo de vocês é muito legal, eu admiro, eu não entendo porque eu vejo umas mulheres pretas alisando o cabelo, ai é tão bonito o cabelo de vocês assim. Você entende? E para algumas mulheres negras, o alisamento não está pautado na representatividade branca. O alisamento está pautado em outro lugar. Porque eu alisei o meu cabelo? Eu queria que o meu cabelo fosse igual o da minha mãe. Que era uma mulher preta que alisava o cabelo. Sabe? Na vida adulta, eu queria que o meu cabelo ficasse parecido com as pretas estadunidenses. Percebe, assim? Então, não necessariamente o alisamento está pautado nesse… é ,sabe? E no inconsciente, para mim, não é? Que vejo dessa forma. Eu vejo dessa forma. “ah, meu cabelo é fodástico.” Porque ele cai, balança, tem o movimento, e desliza.

…

Então tem muito esse lugar, sabe meninas? Muito esse lugar de privilégio, de afirmação. Eu tive um namorado, não é, que falava assim para mim quando eu alisava o cabelo: “ nossa, eu gosto tanto do seu cabelo assim”. E eu fazia os dois penteados. Tinha semana que eu alisava, e uma semana que eu trançava. Trançava com o meu próprio cabelo, deixava as pontas soltas porque encaracolava e eu achava bonito e eu gostava. E para mim, hoje, era já um pré para vir com o crespo, andar com o crespo solto. E ele falava assim para mim: “ai, eu não gosto quando vocÊ deixa o seu cabelo assim. Ai, cabelo duro não dá, não dá nem para fazer um carinho.” Então, no imaginário das pessoas, cabelo liso ainda está muito nesse lugar de ai, caí, balança, desliza, e não sei o quê. E aí, para mim, esse tipo de comentário só reforça: “ai, porque o meu cabelo escorrega, não dá para fazer nada, nada”. Ai, dá licença, não é?

**LUCIANE:**

É difícil mesmo.

**XXXX**

Nossa, gente. Eu não sei se eu vou contemplar nessa resposta. Elas devem falar melhor do que eu. É… a gente não, quando a gente pensou nesse trabalho, a gente não pensou individual. A gente pensou coletivo. Porque esse trabalho vem em decorrência de processos que a gente já passava, que a gente comentava em grupos de mulheres negras, rolava uma identificação, e a gente sentia que a gente precisava fazer alguma coisa, alguma intervenção nesse sentido. Então, é um projeto coletivo porque abrange todas as mulheres pretas que se identificam com essa discussão. Não é? Então, eu acho que é um trabalho.. Eu sou suspeita para falar, eu sou suspeita. Mas eu acho que é um trabalho … sabe, o que é você ir nos lugares… Só a nossa representatividade. Eu fui para o Mato Grosso, para Dourados, fazer uma oficina de Turbantes. A lúcia foi para Santarém, sabe? Levando os produtos do coletivo. Sabe o que é só a nossa presença? É uma puta mudança. A gente foi para Araraquara, Sesc Araraquara, aquela cidade não tem muita gente preta. Não tem gente preta naquela cidade. E a gente estava em . mulheres pretas, coloridas. Uma estava de preseta, religioso, toda de branco, andando na rua. Uma de dread, a outra toda hiponga, e a gente toda colorida naqueles tecidos africanos, ou laranja neon. Nossa, e a gente circulando na praça de Araraquara. Uma menina parou a gente na rua e chorou. Chorou, chorou. Eu me emociono. Ela chorava, assim, demorou até para ela pedir para tirar foto. E ela chorava, Era uma menina preta e gorda. Ela sentou com a gente e falou: “vocês não tem ideia do quanto eu estou feliz de ver vocês. Vocês são daqui?” A gente falou, a gente não é daqui, a gente é de São Paulo. Que pena que vocês vão embora. Que pena. Porque vocês não tem noção do que eu passo aqui. Pautar essas discussão racial através das roupas que eu visto, através do meu posicionamento, através das minhas atividades. Porque eu sou preta, gorda, canto em uma banda de Rock, uma banda de Rock de caras brancos, eu sou a única preta,e eu sou a vocalista. E vocês não sabem o quanto que é foda entrar em qualquer estabelecimento. Eu quero ficar perto de vocês. E eu me lembro que ela foi jantar com a gente, sentou na mesa. No dia seguinte, ela foi para a nossa oficina, e a gente mantêm contato com ela pelo facebook, tanto do coletivo quanto individual. Então, é um trabalho coletivo e é cultural. E é isso, a gente vai trabalhando com uma diversidade de discussões. Trazendo tantas referências de outros lugares, mas sem perder a referências das nossas casas, das nossas mães, acho que é cultural por isso, não é? Também. E é de mulheres porque é nosso. A gente está falando da gente, para a gente e para todas as mulheres pretas que se identificam com essas discussões. A gente aceita sugestões, sabe? A gente não sabe se é certo ou errado, porque a gente não acredita nisso nesse trabalho. mas a gente acredita que essa discussão é para ontem. E a gente vai pautar em qualquer lugar que a gente for. É para preto, preto. Branco pode assistir, pode se aproximar, mas é preto.

**LUCIANE:**

Sim. Tem uma mudança na forma política do movimento negro de mulheres negras, que é essa questão dos coletivos. Que é… Você vê como diferente de ONG ou de movimento social de uma maneira geral? Existe uma novidade na forma organizativa? É mais horizontal? Como é que você vê essa questão com o coletivo?

**XXXX**

Eu acho que é bem diferente de ONG. Eu não consigo falar de termos muito acadêmicos, científicos, eu não consigo alcançar esse repertório científico. Mas na minha concepção, ele difere porque uma organização é… aberta, sabe? Aberta no sentido: é a gente que está fazendo. Já ouviu aquela frase ”nós por nós” Eu acho que vai bem de encontro a isso. A gente entende que a gente precisa, às vezes

[áudio comprometido]

Eu sempre falo que o belo da condição de existência. Eu sempre falo isso. Por isso que é importante. Por isso que não é vazio você dizer: você é linda. Chegar para uma criança preta e dizer você é linda, seu black é lindo, não é vazio. Porque para ela, dá condição de existência. Ser belo é importante para ela. Esse investimento da beleza é importante para ela, coloca ela na condição de sujeito. E quando você diz que o turbante é a usa coroa, ela te põe no mundo nesse lugar também. Ela te dá condição de ser, eu sei que coroa tem uma série de questões, não pé? Mas pensando um pouco no sentido que ela carrega, esse pode ré importante para a população preta. A população preta precisa entender que ela tem poder sim. Sabe? Ela tem muito poder …. Faz barulho. E que ela também rena, ela também governa. É importante a gente entender que a gente também governa, que a gente tem poder para governar a própria vida, não é?

[áudio comprometido]

**LUCIANE:**

A gente também consome, não é? E é importante…

**LUCIANE:**

Ah, o que que você acha da geração tombamento? Chamada geração tombamento?

**XXXX**

Eu acho o máximo. Acho tudo o máximo. Porque é isso, não é? Às vezes a minha mãe e meu pai, meu pai fala pouco. Mas às vezes minha mãe traz fragmentos da história de vida dela, da juventude dela, e a gente às vezes pegando alguns docs, essa geração já rolava lá. já rolava. A galera já estava,sabe? Segundo Black is beautiful já era tombamento, já era. Claro, tinha outro nome. Mas já era essa janela. Quando eu trago, no início, o contexto do baile. Eu estou falando de uma geração tombamento também. Eu acho que hoje, o que me admira mais nessa juventude dessa geração atual, é…

Eu acho que o que me admira assim hoje é a audácia dessa galera. Eu acho eles muito audaciosos. Eles usam mesmo, sabe? Coloridos, chegam chegando, não tem nenhuma questão em relação a cor…

**LUCIANE:**

… sexualidade.

**XXXX**

oi?

**LUCIANE:**

sexualidade.

**XXXX**

Em relação a sexualidade. Eu acho muito potente essa geração. Claro, eu acho que a gente precisa observar, não é? Porque é tudo isso de bom, de positivo, mas como é um grupo, muitos jovens acabam sendo mobilizados para se enquadrar dentro do grupo. Sabe assim? às vezes eu observo dessa forma. Aí, eu não sei até que ponto você tem realmente uma liberdade em relação a você com o seu corpo. Sabe ? Eu não sei até quando você está segura… Tem gente que vai, dá um discurso lindo mesmo, mas aí, em 4 paredes, é super insegura em relação a isso, e não fala por conta do processo do grupo. Aí, às vezes eu fico meio que observando nesse lugar. … jovem da geração tombamento. Ela chega no meu consultório, umas tranças roxas, uma bota, umas roupas coloridas., Eu acho ela o máximo. Assim, eu falo, porque eu não sou assim, sane? Aí, ela senta na cadeira, joga as tranças assim, “ah porque….lálálá” e ela fala das questões da vida dela, e ela tem uma questão com o corpo, uma questão muito séria com o corpo. E ainda estás nesse processo. Mas eu acredito que a geração seja bem positiva para elaborar nesse lugar. Nesse lugar do…

**LUCIANE:**

Como que você vê, só para a gente… já falou muito disso, mas se pudesse resumir, a atuação no Manifesto Crespo dentro do Anti racismo. Como que você vê … é a atuação no Manifesto Crespo dentro da luta anti racista. Qual é o papel, qual é o…

**XXXX**

Nossa, eu acho o meu papel muito importante. inclusive eu acho ele fundamental, sabe, nesse processo. Eu sou, tem muita gente que não gosta da forma que eu vou abordando, sabe? Acha muito leve. Tem gente que acha muito lever. uma vez eu fui dar uma palestra sobre a saúde mental das mulheres negras. E aí tinha uma colega Psci lá,e aí eu fui falando um pouco de como eu observava esse processo baseado no meu trabalho na casa Anastásia, e aí ela fez umas contribuições, levantou a mão: “...ah, você está pautando de uma maneira mais leve.”

E eu acho importante essa forma como eu vou abordando também, sabe? Porque é isso, eu lido com muitas pessoas que não são pretas. E essas pessoas às vezes não tem a menor ideia do que a gente passa, cara. Não tem a menor ideia. A gente fala de racismo, de discriminação racial, de preconceito, essas pessoas não tem a menor ideia. Vão falando de um lugar que é muito do desconhecido, mesmo. não chegou aqui, não é meu. Sabe? Eu acho que se a gente não estiver disponível de fazer essa conscientização a gente perde essas pessoas também, sabe? E essas pessoas precisam entender. Eu acho que o meu papel é fundamental. Eu já chego na oficina.. Quando alguém pergunta qual o objetivo dessa oficina eu já falo na lata: gente, o objetivo desta oficina é discutir as relações raciais no brasil utilizando como instrumento a estética, as tranças. É através desse modelo que a gente via discutir o racismo. E eu acho isso fundamental.eu acho foda essa fala. Porque às vez es a pessoa vem achando que ela vai só aprender a tranças. E … mulher assim o sábado. Ela chegou lá e ela fez comentários extremamente racistas, sabe? “O que que é aqui? Ai, eu quero trançar. Você, trança o meu cabelo” apontando para a daniele. Saber? A Juliete… eu não estava lá ainda. E a juliette foi lá trançar. Eu cheguei, a Juliette estava lá trançando. “Ai, o que que é isso aí que você está fazendo? Ai isso na cabeça, ai que bonito. Viu, eu quero assim. Mas você fala o que? Seu inglês é tribal?” Meu, que tipo de comentário é esse? “ai, porque a maioria das africanas trabalham com trança não é?” E essa mulher estava lá. Sabe? Ela estava lá, na oficina, ela estava se apropriando do processo, ela estava fazendo uma trança, ela queria tirar uma foto de todo mundo. Essa pessoa estava lá. …. que tem como objetivo central o atendimento. Então tem que atender essas pessoas ali. OI que você vai fazer? Vai mandar ela embora? A vontade era essa: por favor, se retira daqui porque você está atrapalhando o nosso trabalho. Essa era a minha vontade. A hora que eu vi ela lá, gente, tira essa mulher aqui. Mas você tem que atender. E aos poucos explicar para ela. Ai porque quase todas as mulheres negras, as mulheres africanas trabalham com trança né? Eu falei boa parte dessas mulheres trabalham com trança sim porque não existe nenhuma política pública voltada para essa população. Você sabia que a maioria dessas mulheres fala mais de duas línguas? São formadas? Eu conheci uma Congolesa que ela trabalhou comigo como Educadora Social … e ela era médica, clínica Geral. Elas estava há 6 anos aqui no Brasil e não estava conseguindo validar o diploma dela aqui. E antes de trabalhar como educadora social, ela estava trabalhando com trança;. Médica. Médica.

**LUCIANE:**

e o questionamento sobre os homens negros e o cabelo crespo? … valorizam, qual o lugar deles nesse contexto?

**XXXX:**

Eu acho bastante positiva, sabia? Cara, eles estão aderindo bem. Eu Acho que o meu irmão é a minha referência mais próxima. Quando ele começou a elaborar essa temática, que para ele ainda é um processo, entendendo, foi também… Ele chegou, ele falou, eu quero trançar o meu cabelo. E deixava crescer, ficou um tempo usando black. E depois voltou para a trança também. O meu primo também, dreads. Eu tenho cliente aqui, que ele trabalhava na TAM, e ele tem Dreads, o dreads dele é até as costas. Ele tem processo jurídico contra a TAM. Porque a TAM o agrediu esteticamente, pediu para ele cortar os dreads se ele quisesse continuar trabalhando lá. E ele falou que não ia cortar, que aquilo não interferia no resultado do processo dele. E o supervisor dele insistindo e ele não cortou, e ele moveu um processo contra a TAM por conta disso. Mas aquilo foi tão, tão engajados, tão mobilizados quanto a mulher.

**LUCIANE:**

Você participou da Marcha do empoderamento Crespo?

**XXXX**

Não. não.

**LUCIANE:**

Como que você vê esse movimento?

**XXXX**

Olha, eu acho bem bacana, sabe? Não tenho críticas a esse movimento, acho importante. Não acho que as questões param só ali, não é? Porque tem uma galera achando que a nossa questão para no cabelo. E a gente não está discutindo só cabelo. Por isso eu falo muito o nosso objetivo na nossa oficina. A gente não está discutindo cabelo aqui, a gente está discutindo racismo dentro dessa oficina. E a gente está utilizando esse racismo como um dos lugares de discriminação. É um dos lugares que mais violenta o corpo, principalmente o corpo feminino. Eu não tenho muita propriedade para falar desse lugar porque eu não participei, não acompanhei nada. Vi algumas fotos pelo facebook. Mas eu achei bonito o que eu vi, achei importante elas fazerem esse processo também. Tem o Encrespa geral, você já sabe do encrespa geral?

**LUCIANE:**

Não, não conheço.

**XXXX**

Eles fazem umas reuniões. Não sei se são …

**LUCIANE:**

Tem umas festas, não é?

**XXXX:**

É. E aí às vezes eles sentam com a galera, dialogam, discutem as temáticas. Mas dentro também dessa temática de Encrespa. Encrespa é só um nome fantasia, não é? As meninas estão falando de questão racial no encrespa geral.

**LUCIANE:**

E as blogueiras e as youtubers?

**XXXX**

Que falam sobre isso?

**LUCIANE:**

Que falam sobre cabelo.

**XXXX**

Eu tive uma experiência esses tempos. A Salon Line me chamou para fazer um vídeo, uns vídeos meus falando sobre questão capilar e tudo mais. Eu fui pensando… Eu fui, na verdade, fazer um trabalho sobre transição capilar, não é? E aí eu acabei encontrando com algumas blogueiras nesse espaço. Eu fiz em um estúdio que eles gravam e tal. Encontrei duas blogueiras lá. duas meninas de pele clara, sabe, cabelo delas caía e balançava. Uma delas tinha um cabelo até aqui, bem volumoso, bonito o cabelo dela. E eu ainda fiz a pergunta super idiota: menina, mas você tem mesmo esse cabelo? Ela “é”. Ela não gostou, mas eu também não teria gostado. Foi automático porque gente eu nunca vi, está muito comprido esse cabelo, só pode ser aplique. E aí elas estavam dando dicas, falando dos produtos da Salon Line, que eram bons pro cabelo, falando que era legal o processo de transição capilar. E aquilo foi me gerando um incômodo. Nossa, eu fiquei tão incomodada com aquelas meninas. Aí, quando terminou o programa delas, a diretora veio em perguntar: e aí, o que você achou? Falei, olha, achei bem bacana a proposta, a iniciativa. Eu não conhecia esses produtos, acho que é uma alternativa. Mas me incomodou, eu não vi nenhuma mulher preta, escura falar. Porque a transição capilar da mulher preta escura, que tem o cabelo crespo é diferente dessas meninas. Eu não entendi. Porq ue as meninas crespas não estão discutindo isso aqui. Na semana seguinte, ela colocou umas duas pretas lá. Ela continuou mantendo a entrevistadora de pele clara, mas colocou duas pretas escuras lá para debater essa questão. E mostrou uns produtos de cabelo que tinham fotos de meninas de tom de pele escuro, e o cabelo mais crespo. O que você tinha perguntado antes? Ah, das blogueiras. Então, eu acho bem bacana o trampo delas, eu acho interessante, mas são poucas não é? Que vão pautando essa questão de uma maneira um pouco mais radical. É porque eu não acompanho todo mundo, então eu não tenho ideia. Mas eu acho que a Ana Paula, vocês vão falar com ela agora, a Ana traz mais coisas assim legais. A Ana ela é super politizada, ele é pesadona no diálogo, eu gosto…. É a única blogueira que eu consigo acompanhar às vezes, que traz coisas mais interessantes nesse sentido. mas eu acho que é uma ferramenta super interessante, super importante. E eu acho que só cabe a gente trazer outros assuntos, não é? Não ficar só nessa coisa “ah”. E é legal também, bacana. A gente não é só político, a gente também tem outras coisas que eu sinto falta.

**LUCIANE:**

Certo momento da sua fala, você está falando sobre as pautas políticas, não é? Achando que as pessoas acham que a pauta do Manifesto é principalmente o cabelo mas que existem outras. Quais outras pautas vocês…

**XXXX**

Então, não é, a galera.. eu não sei não é, como a galera elabora e vê o manifesto. Maas por ser um grupo que cresceu bastante nos últimos 5 anos, não é, eu acredito que gere, também incômodos por parte de outras pessoas. pode tanto gerar aspectos positivos quanto aspectos negativos. E um dos aspectos podem ser estes: as meninas só falam de cabelo e moda, não é? Como se isso tivesse descolado de outros temas. Só que dentro desses temas, a gente consegue pautar violência policial, a gente consegue falar sobre violência doméstica. A gente consegue falar de violência urbana. A gente consegue falar sobre masculinidade. Olha só, parece que não mas as coisas … A gente consegue falar sobre afetividade, sabe? A gente consegue falar sobre inúmeros temas que nos assolam, que nos preocupam, que a gente vivencia de alguma forma tudo isso pautado dentro dessa discussão de estética. Fez sentido?

**LUCIANE:**

Sim. XXXX, você se considera uma feminista negra?

**XXXX**

Olha, o feminismo é uma das narrativas que perpassa e ajuda muito nessa minha caminhada, viu? Eu acho que eu estou bem nesse caminho. Eu gosto de outras narrativas também. Eu bebo de outras narrativas.

**LUCIANE:**

Quais?

**XXXX**

Ah, eua agora estou começando a ler sobre o mulherismo também. Eu Acho que é uma narrativa que também nos ajuda. Principalmente a entender como mulher preta africana e tal. Acho que é uma narrativa que pode auxiliar nesse processo. Mas eu gosto muito do feminismo. Eu acho ele muito importante. Na minha formação é muito importante.

**LUCIANE:**

E qual a sua, no manifesto, qual a sua relação com as mais velhas? Qual a sua relação com as mais velhas do feminismo negro?

**LUCIANE:**

teve algum processo que vocês estiveram juntos ou a troca…?

**XXXX:**

Poxa, eu queria que tivesse mais, sabe? Eu Acho que a gente teve poucos momentos com feministas mais velhas, assim, pioneiras, assim, nessa discussão. Mas eu acho que eu tive algumas oportunidades, sim, de estar com algumas delas. Eu Acho que foi no ano passado ou retrasado que a gente trabalhou no Geledés. O Geledés foi um desses espaços assim. Eu vi a Sueli pouquíssimas vezes. Eu acho que eu quase não dialoguei com ela. Eu acho que eu encontrei ela mais em espaços de lazer, onde o diálogo foi mais interessante, teve mais troca, do que o próprio Geledés. Cara, teve um momento nesse trabalho que eu fiz uma formação com a Suelaine que foi linda …

...

eu acho que esse trabalho que o manifesto fez com o prêmio Lélia Gonzalez permitiu que a gente se aproximasse muito também não é, com outras feministas mais velhas. com outras mulheres que também são lideranças em outros espaços, e que também estão no processo, não é, de discutir e de compreender essa discussão feminista. A gente teve alguns momentos lá com a Dona Maria, do Quilombo … Vocês não tem noção. Ela é super feminista. A gente teve com a Geralda da aldeia Parelheiros. A gente teve com a dona Neide, uma figura fantástica do terreiro lá de Ribeirão Preto, sabe? A gente teve com a Dona Raquel Trindade, que é uma figura bacana também

Sem contar que a gente está com as nossas mães. A minha mãe, nos últimos tempos assim, elas tem se mostrado uma das mulheres mais feministas que eu conheci na vida. Eu dei pra ela um livro da Chimamanda, Sejamos todos Feministas, ela leu no mesmo dia. Aí eu cheguei aqui, ela estava com o livro na mão,e o óculos, ela usa óculos, e viu, queria discutir alguns pontos. E eu nem tinha lido o livro. Eu falei não mãe, vamos olhar. Eu acho isso, isso isso. Minha mãe é, tem uma parte aqui e eu acho isso e isso… meu Pai está em um momento que ele não consegue prover, assim, mas a minha mãe consegue. Uma boa parte dessa casa, ela fez com o dinheiro dela, sabe? É ele que saí para fazer muitas coisas. Minhas tias todas … elas são fodas, cara. Eu estou diante de um cenário extremamente feminista. São elas que rodam as casas. Elas que pensam tudo. elas que resolvem. Porque a gente tem disso. A gente não espera. A mulher preta não espera nada, meu. Mulher preta faz. E as minhas tias são todas assim. Todas, todas. Não tem uma delas que fica esperando as coisas acontecerem elas estão fazendo. A minha avó… é uma figura assim. Fala de sexualidade como ninguém. Nossa. É muito bacana, ela dá risada, ela fala mesmo, é muito bonito. Então, eu estou o tempo todo cercada dessas mulheres. Minhas tias por parte de pai também. Eu tenho uma tia que ela criou e cuidou dos 3 filhos sozinha sabe? Ela que construiu a casa dela. Como pedreiro mesmo. Ela fez cada piso, ela fez cada parede de massa, de concreto, e ela foi ajudante do pedreiro dela. Não tem tempo ruim, sabe? E eu estou cercada dessas mulheres. E não tem como a gente não ter essas referências, não é? Eu digo quer, no campo teórico, eu acho que eu tive pouco contato.   
Eu tive alguns, queria ter mais. … Eu não conheço mulher mais feminista do que aquela mulher.

**LUCIANE:**

Eu acho que a questão familiar é bem intensa, e é o mesmo processo que eu vivo na minha casa. Mulheres muito fortes e homens negros fragilizados. E como é difícil você encontrar o seu ligar nesse contexto de mulheres negras tão fortes. Eu sinto isso em relação ao meu irmão, um pouco também em relação ao meu pai. É…

**XXXX:**

É, é bem isso. a minha mãe sempre falou isso, sabe? Eu acho, não é, a minha impressão, ela… eu não entendo direito a relação dos dois. Mas, ele precisa inteiramente e exclusivamente dela.

**LUCIANE:**

Meu pai e a minha mãe.

**XXXX:**

Incrível. O tempo todo, parece uma criança mesmo, assim, sabe? No sentido de levar comida, passar a roupa, e cuidar de uma série de coisas.

Eu vejo a meio… eu vou buscar para você, eu vou fazer para você. É uma necessidade, uma dependência, dessa força. Às vezes eu sinto ela exaurida. Elas não é? Todas. Mas, elas trabalham muito com essa coisa de: não, mas um gás. Vamos lá. E eu acho isso a dependência dele. E é isso. Quando elas adoecem, quem é que cuida? Aqui em casa não tem isso. a minha mãe já teve muitos processos de adoecimento na vida que meu pai sempre esteve com ela. Os dois são muito parceiros, pelo menos na doença. Mas as minhas tias, não. Quem é que cuida. Elas ficam doentes… A minha tia, o companheiro dela abandonou ela com duas crianças na época. Abandonou mesmo, assim. Pagava aluguel, sabe? Aí ela foi morar na casa da minha avó com as crianças. E o cara nunca mais voltou. Falou que ia voltar, que ia buscar todo mundo em 6 meses, ela ficou na casa da minha avó mais de 20 anos. A filha dela faleceu 25 anos, 26 anos de idade, e o companheiro não voltou. Ele aparece de vez em quando, visita, mas não voltou. E ele retorna agora doente. O que é uma cena muito típica, não é? Ele retorna agora doente. o caso dele também é bastante questionável, é digno de cuidado também, mas ele tem outra companheira, quando ele foi embora, ele foi morar com outra companheira. Ele nunca oficializou a separação no papel. E agora ele retorna fazendo visitas em um momento que ele está bem doente. E essa mulher colocou ele para fora. Porque as questões de solidão são muito fortes. Muito intensas.

[áudio comprometido]

Mas tem também a coisa da necessidade. Eu acho que não é nem necessidade. A gente é ser em relação. A gente precisa se relacionar com as pessoas. E eu sinto que ela precisa dessa relação. Ela precisa de alguém para trocar. E aí tem o processo de auto estima. Ele é o único que aparece. o único que eu consigo, é o que está disponível. Eu acho bem tenso isso. A gente precisaria de um dia fazer uma roda só para dialogar e teria que ser rodas contínuas, não é? Não é uma conversinha uma tarde e acabou. Porque isso é uma questão que está adoecendo muitas mulheres. E eu digo isso pelas mulheres que eu vou atender agora. Mesmo com companheiros estão sozinhas. E ainda tem que cuidar do camarada.